

I PARTE

O FILHO PRÓDIGO

Erguer-me-ei e irei ter com o meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e contra ti e já não sou digno de ser chamado teu filho.

Talvez não tenham sido exactamente estas as palavras que Edward Baltram articulou de si para consigo quando recebeu o seu solene e misterioso chamamento, mas já nessa altura o respectivo eco se fez sentir, e, mais tarde, ele repetiu-as muitas vezes.

Esta história, todavia, começa num momento anterior, naquela noite de Fevereiro em que Edward pregou uma partida infame ao amigo e colega de faculdade Mark Wilsden. Dissimuladamente, administrara-lhe a droga sintética que transporta os seus iniciados ao céu ou ao inferno. Mark, que tão sobranceiramente manifestara a sua desaprovação e com maus modos recusara experimentar a droga, jazia agora, vítima indefesa, a soltar risinhos e a balbuciar sons, estendido no sofá-cama banhado pela luz do candeeiro, no pequeno quarto que Edward ocupava no segundo andar de um velho prédio em Camden Town. Edward, que por essa vez se abstera da pastilha habitual, envolto no manto grave do poder, qual mágico, quedou-se de pé a contemplar o amigo. Escondera a droga numa sanduíche e observou a metamorfose com uma expressão malévola de triunfo. A única ideia que o afligia dissipou-se logo que se tornou óbvio que Mark estava destinado a gozar uma viagem feliz. Caso tivesse enviado o amigo para as profundezas do inferno, ainda que por pouco tempo, ter-se-ia sentido muito mal consigo mesmo. A verdade, porém, é que o rosto de Mark, já de si belo, foi transfigurado por um êxtase luminoso. Os olhos castanhos pareceram crescer-lhe, os lábios cheios e eloquentes ficaram vermelhos e húmidos, a pele cintilou-lhe, como que iluminada a partir de dentro. As gotas de suor

que lhe cobriam a testa e os pêlos do bigode e da barba bem aparada destacavam-se e brilhavam, como se o rosto se houvesse convertido numa máscara sacerdotal engastada com pedras preciosas. Com a sua cabeça alongada, assemelhava-se a um faraó egípcio. Parecia um deus de frente ampla e olhos enormes. Era um deus, tornara-se divino, estava a experimentar o Bem Absoluto, a visão das visões, *a aniquilação do ego*. Edward já ouvira falar disto. Tais epifanias podiam perdurar uma vida inteira. Mais tarde, Mark havia de agradecer-lhe. As experiências do próprio Edward, embora pitorescas e emocionantes, não tinham tido um carácter místico. Mark, que Edward admirava e de quem gostava imenso, tinha inclinações místicas. Ao contemplar a transfiguração do amigo, Edward quase desfaleceu de alegria.

Mark, que estivera a rir ininterruptamente, soltando um risinho ritmado, grave e ondulante que por vezes se assemelhava a um choro, começou agora a concentrar-se. Projectou os lábios para fora, como fazia muitas vezes quando se punha a pensar.

— Edward.

— Sim, Mark.

— Como as coisas são.

— Sim.

— Como elas são. Estão contidas em si mesmas, estão, como é que hei-de-dizer, *contidas em si mesmas*, eis o... eis o *segredo*.

— Pois é, tens razão.

— Não. As coisas não estão apenas contidas em si mesmas... são... *são* elas mesmas. Todas as coisas são... elas mesmas. É isso... elas mesmas. Mas, sabes, só há... só há uma...

— Só há uma quê?

— Uma coisa. Está tudo... está tudo junto... como um grande... *é felpudo*...

— Felpudo?

— Edward...

— Sim.

— Não... está coberto de escamas, milhões de escamas e... guelras... vejo-o a... a respirar... é um *peixe*... quer dizer... todo o universo é um... um grande... peixe.

Edward tentou imaginar o grande peixe felpudo e escamoso formado por tudo o que existe. Agora, porém, as suas próprias imagens visionárias induzidas pela droga, que pareciam ter despertado por simpatia, começaram a flutuar em volta dele, como se o quatinho se tivesse transformado num lago profundo, cheio de plantas aquáticas

ondulantes, amibas trémulas com grandes olhos, formas sombrias e tumefactas atadas com laços brancos, a ressurreição de Lázaro, a criação do mundo.

— Ah, agora sinto formigueiros nos ouvidos — disse Mark subitamente. Tentou soerguer-se um pouco, mas tornou a cair no sofá. — Sinto *formigueiros nos ouvidos*, vejo o céu... mais além... ah, a luz... o céu todo feito de cabeças de anjos, como alfinetes, cabeças de alfinetes, todas a brilhar, todas juntas, todas... a desenrolar-se, como um pergaminho muito muito comprido... e a luz... são raios *laser*... os dardos, os dardos... doem tanto... ah, estou tão feliz... estou a erguer-me, estou a voar... E Deus... ei-lo que chega...

— Consegues ver Deus? Como é que ele é?

— Ei-lo que chega... como uma... como uma *força* que me puxa para o alto.

Mark permaneceu algum tempo em silêncio, o olhar perdido num ponto distante, a contemplar a sua visão, sorridente, com os lábios afastados a borbulhar um pouco. Depois, num gesto solene, ergueu a mão como se abençoasse Edward. Por fim, de um modo bastante súbito, mergulhou num sono profundo e calmo.

Edward sentiu-se desapontado. Ainda pensou em acordá-lo, mas concluiu que seria melhor não. Nestes casos, todavia, o sono podia prolongar-se um bom bocado, e, quando Mark acordasse, o divertimento poderia já ter chegado ao fim.

O telefone tocou.

— Edward?

— Sim.

— Daqui é a Sarah.

— Olá, Sarah.

— Podes dar um saltinho até cá? Estou um bocado em baixo. Vem visitar-me e tomamos uma bebida rápida.

— Ah... tudo bem... só cinco minutos.

Edward virou-se e tornou a contemplar Mark. Parecia um cavaleiro adormecido num quadro; ou o Cristo morto, tão belo, imaculado e indemne. Cobriu o amigo com uma manta. Em seguida, tapou o candeeiro com uma folha de jornal, de modo a obscurecer a luz, e saiu do quarto, trancando a porta atrás de si.

A visita de Edward naquela noite a Sarah Plowmain (que vivia muito próximo dali) não foi totalmente inesperada. Ele conhecera-a pouco

tempo antes na faculdade, numa «tertúlia» que incluía Mark, e, depois de ouvi-la dizer em tom casual «Havemos de encontrar-nos, eu depois telefone-te», há já alguns dias que aguardava o chamamento dela. Sarah tinha estilo. Deixara passar o intervalo de tempo ideal, nem de mais nem de menos, antes de convidá-lo (mais uma vez em cheio no alvo) para «uma bebida rápida». Edward não era capaz de resistir a tanta discrição e elegância e sentiu-se lisonjeado. Estava na altura de criar laços com aquela rapariga; depois logo se veria, a situação nada tinha de urgente. Para aquele gesto, no entanto, aquele era o momento certo e Edward acreditava em momentos marcados pelo destino. Além disso, Sarah dissera que a mãe dela fora conhecida ou amiga da mãe de Edward, e qualquer sinal, por mais ténue que fosse, proveniente do planeta sombrio e perdido dos pais dele perturbava-o e interessava-o imenso.

O que o jovem Edward (de vinte anos) não esperava era que a jovem Sarah (de dezanove), pequena, morena e ágil como uma acrobata russa, num abrir e fechar de olhos (como é que aquilo acontecera?) o despidisse (dir-se-ia que as roupas dele se tinham volatilizado) e o convidasse a entrar na cama dela, à luz das velas, no quatinho semelhante a uma gruta onde, num vaso chinês pousado no friso da lareira, ardia um pauzinho de incenso.

Agora estavam outra vez vestidos (teria ele estado a dormir?), a conversar e a beber *whisky*, que parecia ser a única bebida que Sarah tinha em casa. Sarah fumava, fumava sem parar.

— Disseste que a tua mãe conheceu a minha?

— Andaram juntas no politécnico. A tua mãe estudava arte, a minha sociologia. Então foi por isso, não foi?

— O quê?

— Vieste até cá só para falar sobre a tua mãe!

— Também quero falar sobre ti.

— E o meu pai foi professor do teu irmão. Estamos ligados. É o destino.

— Lamento imenso o que aconteceu ao teu pai.

O pai de Sarah, o matemático Dirk Plowmain, suicidara-se há não muito tempo.

— Sim. Mas nós não éramos próximos. Ele portou-se muito mal com a minha mãe e eles separaram-se há uma data de anos. O teu pai também se portou mal com a tua mãe, não é verdade?

Edward sentiu-se magoado por esta alusão, que lhe pareceu demasiado ousada numa fase tão precoce do relacionamento de ambos. Tinha uma rígida noção das conveniências, mas nada disse.

— Tu és filho do Jesse Baltram, não és, não do Harry Cuno? Algumas pessoas fazem uma certa confusão.

Edward não gostou do tom, mas respondeu sem antipatia na voz. — Sim, mas eu nunca cheguei a conhecer Jesse, só o vi uma ou duas vezes em miúdo. Ele deixou a minha mãe antes de eu nascer, de qualquer maneira já era casado com outra mulher...

— Pois, aposto que a tua mamã teve o cuidado de te proteger do horrendo Jesse! Só que antes certificou-se de que ficavas com o apelido dele!

— Depois a minha mãe casou-se com o Harry Cuno e depois morreu. Sempre tratei o Harry como se fosse o meu pai.

— E o Stuart é teu irmão? Não é filho da Chloe, pois não?

— Não, ele não é filho da minha mãe. É filho da primeira mulher do Harry, que era neo-zelandesa e morreu antes de a Chloe aparecer na vida dele. — Por qualquer motivo, quando alguém se referia a Teresa Cuno, o que só acontecia raramente, descrevia-a sempre nestes termos.

— Então o Stuart e tu não são mesmo irmãos.

— Não temos laços de sangue, mas, bem... *somos* irmãos.

— Queres dizer que *é como se fossem* irmãos. Gostava de conhecer o Stuart. Alguém me contou que ele decidiu abster-se do sexo antes mesmo de ter experimentado!

— Então foi por isso, foi? Só querias arranjar maneira de conhecer o Stuart! — Edward nutria carinho pelo irmão mais velho, mas não se davam lá muito bem um com o outro.

— Não, não, quero conhecer-te a ti, estou a descobrir coisas sobre ti, não vês? E depois ainda há a tua tia, a irmã mais nova da Chloe, a modelo que se casou com aquele psiquiatra escocês. Ele é muitíssimo mais velho do que ela, não é? Calculo que ela tenha sido uma mãe para ti!

— A Midge McCaskerville? Não, nem pensar. — Não Midge, a jovem e encantadora tia que ele se lembrava de ter beijado tão apaixonadamente com dezassete anos, num baile. Margaret McCaskerville, Warriston de solteira, a irmã mais nova da mãe, era sempre referida pelo diminutivo «Midge», que usara durante a sua curta carreira como modelo de moda.

— Ela não é bem do estilo maternal — comentou Sarah. — Disseram-me que mudou muito, que engordou. Como é que te dás com o Harry Cuno?

— Dou-me bem. Talvez também o queiras conhecer a ele, eu organizei uma festa!